

Escrever e resistir: a sala de aula como laboratório da expressão

ANA ELISA RIBEIRO | CEFET-MG¹

Em primeiro lugar, é claro, quero agradecer o convite honroso para encerrar esta Semana de Letras, justo esta que tem o título/tema: “Língua, ensino e resistência: a formação de professores no Brasil atual”, na companhia de colegas e amigos. Também devo agradecer a oportunidade de retornar a esta cidade, São João del-Rei, de que gosto e que sempre me recebe bem. Obrigada. Eu acho que vim aqui para me expressar, e me deram essa oportunidade. Não vou citar autores, não vou me expressar como num texto científico. Vou discursar e espero que vocês não se chateiem.

Em segundo lugar, quero explicitar o que pensei quando dei este título à minha fala: *escrever e resistir*. E por que ainda senti a necessidade de um subtítulo: a sala de aula como laboratório da expressão. Geralmente nos pedem esse tipo de coisa com muita antecedência, quando ainda não sabemos ao certo o que dizer, o que valerá a pena dizer, qual será nosso interesse na época do evento. E geralmente propomos alguma coisa meio vaga, meio provável. Mas eu sempre soube que precisaria falar sobre a escrita, sobre sua importância, sua necessidade, seu potencial, seu perigo. Sobre a escrita como direito e como expressão, direito à expressão. É claro que fui muito sugestionada por uma palavra nuclear no tema do próprio evento: *resistência*. Palavra que anda vivíssima, passando de boca em boca, embora meio desgastada também. E de tudo o que li no nome desta Semana de Letras, pensei que resistência pudesse ser pura redundância. Ensino e formação de professores não lhes parecem sempre difíceis, sempre uma questão sem fluidez, sem serenidade, quase sem conciliação? Os professores brasileiros estão sempre sob a mira de alguma ausência ou presença, depende, mas sempre sob uma mira. Alguma vez foi tranquilo ser professor? Formar professores? Fazer uma licenciatura ou ser da equipe de uma delas?

E a palavra *atual*, a que remete? Quero lembrar que se trata de um dêitico. *Atual* é agora, mas se este evento fosse em 1968, seria naquele ‘agora’, e assim vai. Falar de agora é falar do que muda, do que já não é mais. E seguimos tendo motivos para sempre falar da formação de professores no Brasil de qualquer “agora”, um Brasil que pode ser “atual”, no sentido do dêitico, mas que vem demorando muito a chegar ao “futuro” ou ao futuro que gostaríamos de ver/ter/viver.

Está na moda xingar professor/a, está permitido fazer troça com os mestres, está estimulado filmar e denunciar professores em serviço, está autorizado ser agressivo/a com o/a docente (em algumas profissões, inclusive no serviço público, dá cadeia ser agredido ou ameaçado...), está institucionalizado o desvalor. As licenciaturas são há muito desvalorizadas. Os professores e as professoras estão há muito nos limites de suas forças. As escolas pouco têm recursos (financeiros ou ideológicos ou críticos ou coragem mesmo) para defender seu corpo docente. O *corpo* docente está adoecido. Que

¹ Professora do bacharelado em Letras, da Educação Profissional Técnica de Nível Médio e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG. Texto falado na ocasião do encerramento da XV Semana de Letras e II Semana Acadêmica Integrada dos Cursos de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, cujo tema foi Língua, ensino e resistência: a formação de professores no Brasil atual. A palestra ocorreu em 31 de maio de 2019, à noite.

professor se levanta assobiando de manhã, toma café e pensa que enfrentará suavemente sua sala de aula? Quero ser uma dessas. Não sou. Não sou por muitos motivos.

Formar-se professor é resistência desde a escolha ou “escolha” do curso. Porque comumente ouvimos palpites contrários de quem nos ama e de quem não nos ama; porque fazemos o curso ouvindo piadinhas dos tios e dos primos e dos colegas dos cursos de prestígio; porque o curso não é fácil, exige muita leitura, muita escrita, muita discussão, mas ainda somos chamados de “vagabundos”; e porque depois de formados vamos descobrir como funciona mesmo nossa profissão, e vamos conhecer escolas públicas e privadas por dentro; e porque vamos lidar com muita gente, de muitos tipos, de vários jeitos; e porque vamos encarar reuniões infinitas; e porque vamos nos aposentar um dia, lá adiante, talvez. Talvez, não. Isso já não exige resistência? Resistência moral e física. Licenciarse é para os fortes. Ou para os apaixonados. Ou ambos.

O que a Física diz que é *resistência*? Resistência é a peça que esquenta para que seu chuveiro funcione (ela esquenta porque resiste). Mas resistência é a força contrária a uma outra força, que geralmente é maior. Resistência é a capacidade de tolerar ou suportar algo; também é essa capacidade por tempo breve; é também uma questão da eletricidade, capacidade de um corpo de se opor à passagem de uma corrente elétrica (medida em Ohms). Então estamos falando de não dar moleza, não dar trégua, de atravancar um pouco, de não facilitar as coisas para os que exercem uma força outra, contrária à nossa. Mas isso vai nos esquentar a cabeça.

E o que isso tem a ver com escrever? Por que escrever e resistência podem estar conectadas, podem funcionar juntas? E por que a sala de aula pode ser entendida (ou até deveria) como *laboratório da expressão*?

Preciso esclarecer que sou professora de Português há mais de duas décadas, que sempre estive nas salas de aula, inclusive do ensino básico, e que quase sucumbi muitas vezes. Desisti, enfraqueci, esmaeci, fraquejei, melhor dizendo, talkey? Preciso dizer que atuo em minha instituição, entre outras coisas, como professora de uma disciplina chamada Redação, que é ministrada ao ensino médio, em todas as séries. E que aparece também, com outros nomes, em nossos cursos superiores. Gosto dessas disciplinas. Não ministro outra coisa. Não faço questão de mais nada. Acho que meu papel, inclusive porque sou escritora, é achar um jeito de ensinar a escrever, mesmo que eu tenha sérias dúvidas sobre se isso é possível. E é nesse ponto que penso na sala de aula, espaço árido há séculos por aqui, pode me parecer um laboratório da expressão, se é que podemos tê-la e favorecê-la [a expressão], de maneira sistematizada e eficaz.

Um laboratório é onde se experimenta. Experimentar é tentar, é errar e acertar, é ensaiar. O que é ensaiar? Se alguém fez dança ou música aqui sabe. Ensaiar é fazer várias vezes até ficar bom ou até chegar o dia da apresentação, mesmo que não esteja bom. É a apresentação que guia e que provoca. É um objetivo claro. Assim como nas lutas e artes marciais, com suas faixas progressivas e seus movimentos precisos. Experimentar é uma etapa do que propus em um texto que está publicado em meu livro de 2018, o *Escrever*,

Hoje, e que eu acho fundamental (a experimentação) para quem dá aulas, para quem escreve, para quem pretende se comunicar de alguma maneira, se exprimir que seja. Experimentar está numa boa em todas as aulas de Química e em outras. Embora aqueles experimentos sejam todos testados antes, seguros, ensaiadinhos. Nada ali provavelmente dará errado, afinal estamos em uma escola. Mas os cientistas que chegaram àquelas conclusões, eles sim, eles experimentaram. Eles se fecharam em seus laboratórios, precários ou não, e tentaram, mexeram, mesclaram, ensaiaram, viram tudo ir por água abaixo ou até mesmo descobriram o que nem tinham pensado em descobrir. Nós aqui só podemos repetir, não é mesmo? As fórmulas vêm prontas, estão testadas, ensaiadas e nós já temos clareza de onde vamos chegar.

O que experimentar tem a ver com escrever? Bem, o escrever mesmo é tentar, é ensaiar, é errar muito, rasurar, rabiscar e amassar ou deletar. Desistir às vezes, ir dormir, esperar a adrenalina chegar no lugar, ter ideias de madrugada, procurar um caderninho, um guardanapo ou um celular, desesperadamente, para anotar e depois testar, tentar, ensaiar. Escrever não é exatamente criar, como dizem alguns que nos afastam da possibilidade de ser escritor/a. Escrever é também adaptar, misturar, lembrar e fazer lembrar, esquecer, apagar uma coisa em prol da outra, dar relevo.

Meu filho de 15 anos me ensinava, enquanto tentava escrever um conto longo de terror: “fazer terror por escrito é muito difícil. Como vou fazer o leitor sentir o medo?”

O que eu poderia dizer a ele? Alguma fórmula? E sabem o que a professora do nono ano fez, de pois que ele passou três semanas absolutamente envolvido na produção desse texto, resolveu usar o Word e passar noites em claro procurando uma modulação que trouxesse como efeito de seu texto o terror? Ela não aceitou o trabalho. Estava fora do prazo e era grande demais. E bateu nele um desânimo. E ele foi obrigado a assistir às apresentações de textos que ele considerou mal feitos, muito piores que o dele.

O que eu fiz? Quase nada. O mais que pude dizer foi: continue. Esse texto é seu, você o deseja e deseja aprender com ele. Não é da sua escola, da sua professora. O texto e a expressão são seus. Continue-o. Pode ser que se transforme em outra coisa, que você o leia a quem quiser ouvi-lo, que outros leitores o comentem, pode ser que esse texto transforme você.

E ele continuou, está lá até hoje às voltas com o terror, uma história de assassinatos em série em uma escola antiga (coincidência?) e pensa em publicar o conto em alguma plataforma web feita para isso, onde as pessoas experimentam, escrevem, reescrevem, se engajam, se comentam, aprendem que está ruim e pode melhorar, ensaiam, criticam, mudam, mudam como coisa comum, ordinariamente. Pode ser que ele se torne um *beta*, como diz meu querido aluno e mestre Lucas Mariano, e que ele seja betado sem grandes traumas.

Uma sala de aula só tem, geralmente, cadeiras da mesma cor; uma mesa pequena com um sulco para lápis e caneta, borracha e seus resíduos das aulas de fazer contas; às vezes um gancho onde pendurar a mochila com quilos de cadernos anotados, livros didáticos; paredes bem cerradas, geralmente pintadas com uma cor insossa; dezenas de pessoas

confinadas e ao ritmo de sirenes (às vezes não, que alívio!); e uma professora ou professor que dirá o que fazer e quanto vale. O professor ou a professora sabem que precisam se programar. Nada pode ser muito experimentado. Tudo chega devidamente testado e ensaiado, inclusive as propostas de redação, com suas fórmulas para passar dos 600 pontos e alcançar o céu. Mas isso é escrever, de fato?

A sala de aula como laboratório da expressão aponta, acho, para outro caminho. Aponta para a experimentação (testar, tentar), para a experiência (de fazer, de sentir, de lidar com o sentido), de ensaiar (tentar e errar até ficar bom), para o processo de cada coisa (partindo de algo, experienciando e chegando a um produto), para uma quantidade de coisas que podemos querer fazer ou dizer (por escrito) e que não sabemos como. E continuaremos sem saber, se a sala de aula não nos ajudar na expressão. Nota: experimentar e experienciar são coisas diferentes.

Coleciono situações reais e ordinárias de necessidade de escrita, de uma melhor expressão, que sempre me dão a certeza de que a escrever seja algo da ordem do inevitável, do necessário, do direito cidadão. Listo aqui algumas situações, ou melhor, algumas oportunidades que tive de auxiliar pessoas na escrita de textos muito performativos, muito chão, ocasiões bastante ordinárias, que me fizeram lamentar que a escrita não tenha sido apropriada como seria interessante, mesmo os envolvidos tendo curso superior ou alta escolarização. Sempre penso: onde estávamos nós, professores de língua e de texto, quando esta pessoa estava lá conosco? Por que a expressão não acontece, se o sujeito sabe o que precisa fazer, mas não sabe como dispor dos recursos que sua língua materna lhe dá? E aquelas listas de palavras ou aquelas questões de análise sintática ou teoria sobre textualidade, onde a aplicação?

1. Uma profissional com ensino superior que não conseguia expressar bem um pedido ao antigo empregador em relação à sua nova conta bancária. Como ajudá-la?
2. Uma família inteira que precisava de ajuda para escrever uma reclamação para a prefeitura da cidade, não seção de cartas do leitor do jornal.
3. A estudante do ensino superior, iniciante, que jamais usara um powerpoint para apresentação de um trabalho oral e teve a experiência com o apoio de toda a turma.
4. As modulações disponíveis durante as manifestações de rua, ao menos desde 2013, em que as pessoas optam por utilizar a boa e velha cartolina.

Onde estávamos nós na escola básica? O que fizemos com essas pessoas ao discutir linguagens? Por que essas situações não são usadas na escola ou despertadas por lá? Por que meu papel é quase o de uma consultora, anos depois? Por que escrever um texto (real, que tenha menos ou mais parágrafos, em que eu não tenha de produzir uma solução falsa para um problema social, etc.) parece algo tão desconectado da vida? E por que escrever um texto parece tão difícil, a certa altura das nossas experiências diárias?

Acredito muito no ensaio e no laboratório da expressão (não confundir com aquelas também insossas disciplinas chamadas Comunicação e Expressão, de décadas atrás), nas tentativas, no engajamento mais parecido possível com as necessidades sociais de comunicação. Talvez eu não possa sempre pôr isso em prática, mas geralmente me invisto desse papel, já que sou professora especificamente de Redação. Onde ficam as regras? Por entre as frestas. As dúvidas vêm durante a trilha.

E como posso avaliar textos tão inacabados? Pensando nos pontos de partida e nos pontos de chegada das pessoas, de cada pessoa. Geralmente proponho um trabalho muito coletivo, em que os/as sujeitos promovam trocas, trocas reais, palpites, sugestões, em que assumam riscos e em que confiem que ali, sim, é o espaço para o deslize. Por que eu não poderia atuar assim? E se eu encontrar algum(a) escritor(a) pelo caminho? Vou achar um luxo, mas não é disso que eu falo. É de expressão. Porque expressar-se, ter boa mira, deixar a ingenuidade para trás, desvendar e produzir discursos, poder produzir uma resposta, é fundamental, é político, é resistência da boa.